

BOLETIM DE CONJUNTURA

72

2013

1º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

No primeiro trimestre de 2013, o estado dos negócios da indústria de calçado melhorou, embora de forma moderada, de acordo com as empresas inquiridas no inquérito de conjuntura da APICCAPS. A produção tendeu a estabilizar, a carteira de encomendas alongou-se e os preços demonstraram tendência de ajustamento em alta, levando algumas empresas a recrutar pessoal. O abastecimento em matérias-primas e, principalmente, o seu preço continuam a ganhar peso entre as preocupações da indústria.

Para o próximo trimestre, apesar de perspetivas macroeconómicas pouco favoráveis, quer em Portugal, quer nos principais mercados europeus, as empresas esperam a consolidação de um estado dos negócios favorável: as previsões formuladas apontam para aumentos da produção e das encomendas e para a manutenção da tendência de aumento dos preços.

Publicação Trimestral editada pela

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

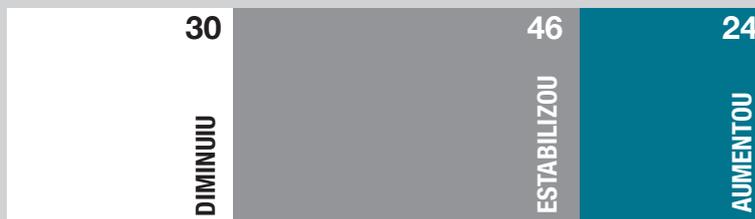
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

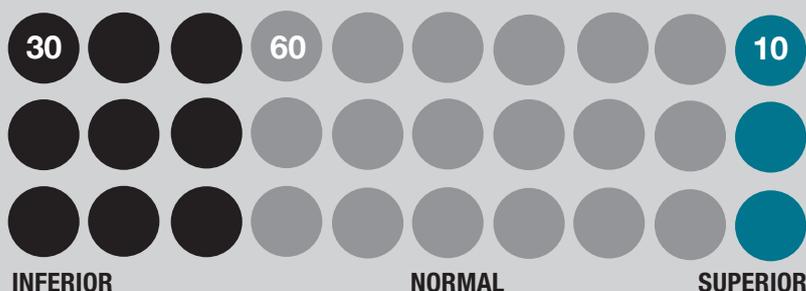
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

O saldo de respostas extremas (s.r.e.) relativo à **produção** das empresas de calçado, isto é, a diferença entre a percentagem das que disseram que a produção aumentou e que diminuiu, melhorou mas manteve-se negativo em -6 pontos percentuais (p.p.). Corrigidos os efeitos da sazonalidade, esta variável tem vindo a melhorar desde há cerca de um ano, sendo já positiva.



Utilização da Capacidade



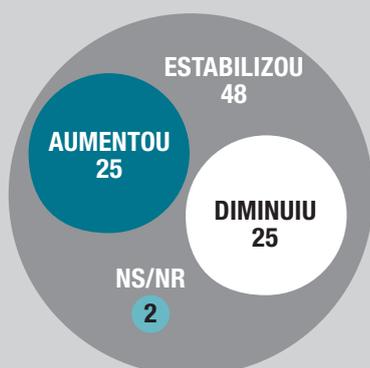
Também o saldo de respostas extremas relativo à **utilização da capacidade produtiva** melhorou, embora apenas muito ligeiramente, face ao trimestre anterior, com as empresas que afirmam que a utilização da capacidade é inferior ao normal a superarem as que dizem o inverso em -19 p.p. Contudo, a maioria dos inquiridos, 60%, diz que a utilização da sua capacidade é normal para a época do ano.

Carteira de Encomendas

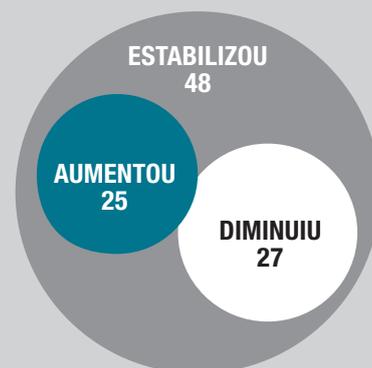
As respostas das empresas inquiridas apontam para a estabilização da **carteira global de encomendas**: quase metade (48%) afirma que assim aconteceu e as restantes repartem-se por igual entre a indicação de um aumento e de uma diminuição. Ao contrário do que aconteceu no trimestre anterior, são agora as empresas com menor peso da coleção própria nas vendas a dar respostas mais favoráveis sobre a evolução da carteira.

O panorama de estabilização é praticamente idêntico quanto à **carteira de encomendas vindas do estrangeiro**, embora neste caso as empresas que mencionam uma diminuição superem ligeiramente as que falam de um aumento. Embora a situação tenha melhorado face ao trimestre anterior, ficou aquém das previsões então formuladas pelas empresas.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



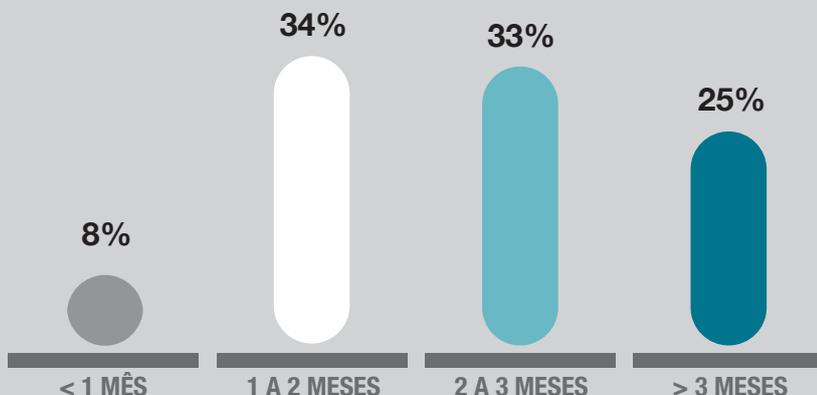
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

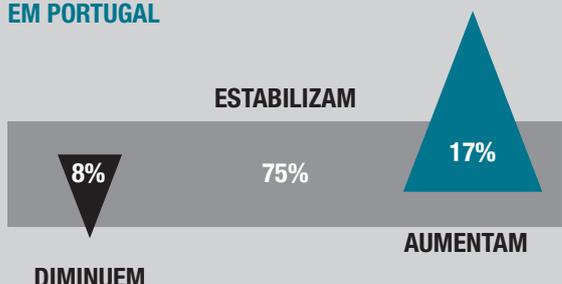
Apesar das respostas anteriores, os inquiridos afirmam que o **tempo de produção assegurada pela carteira de encomendas** se alongou face ao trimestre passado. Mais de metade das empresas afirma agora ter 2 ou mais meses de produção garantida. Em contrapartida, as que dizem ter trabalho para menos de 1 mês são apenas 8%. A situação é tendencialmente mais favorável entre as empresas mais orientadas para os mercados externos.



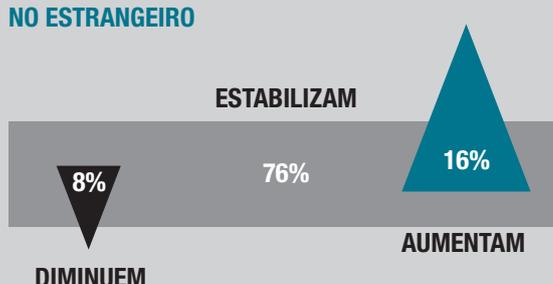
Preços

O início do ano foi ocasião para algum ajustamento em alta dos **preços em Portugal**: embora três em cada quatro empresas digam que os preços permaneceram inalterados, entre as restantes, as que referem a sua subida superam em 9 p.p. as que apontam para uma descida, o saldo mais elevado do último ano e meio. Quanto aos **preços nos mercados externos**, as respostas são semelhantes, embora resultem num s.r.e. ligeiramente mais baixo (8 p.p.). Corrigidos os efeitos da sazonalidade, este saldo tem vindo a diminuir regularmente desde há dois anos.

EM PORTUGAL



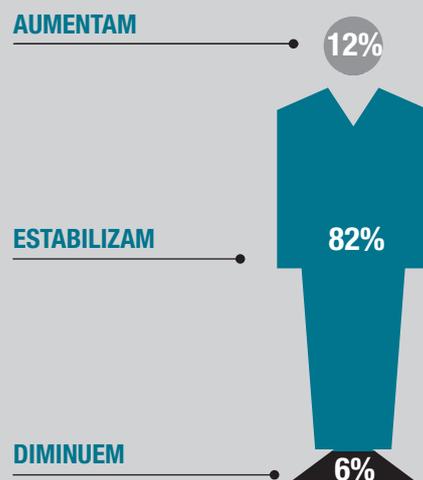
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

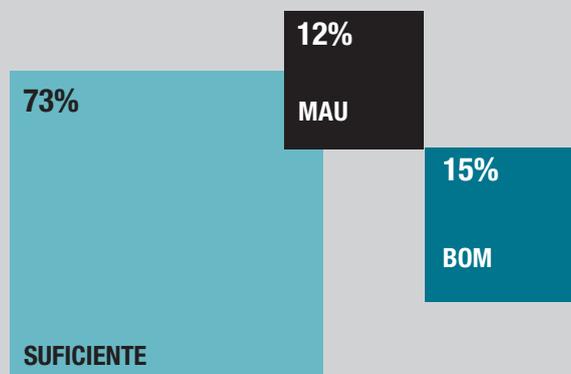
As empresas que indicam ter aumentado o número de pessoas ao seu serviço excedem as que dizem tê-lo diminuído em 6 p.p., indicando uma tendência de aumento do **emprego** na indústria, a mais elevada do último ano e meio. Esta tendência positiva foi relativamente generalizada, independentemente da dimensão ou orientação de mercado das empresas. No entanto, mais de quatro em cada cinco inquiridos dizem que o emprego permaneceu inalterado.



Estado dos negócios

A apreciação geral que os inquiridos fazem da conjuntura melhorou face ao trimestre anterior: a percentagem de empresas que consideram que o **estado atual dos negócios** é suficiente aumentou, para 73%, e aumentou também o saldo entre as que pensam que é bom e mau, passando de 0 para 3%, sendo um pouco mais favorável do que as previsões formuladas no final de 2012.

Esta melhoria da situação não foi ainda suficiente para reverter inteiramente a evolução menos favorável de períodos recentes. Por isso, embora a maioria das empresas (53%) considerem que o estado atual dos negócios permanece sensivelmente inalterado face ao verificado há um ano atrás, as que entendem que piorou, desde então, superam em 14 p.p. as que pensam o contrário.



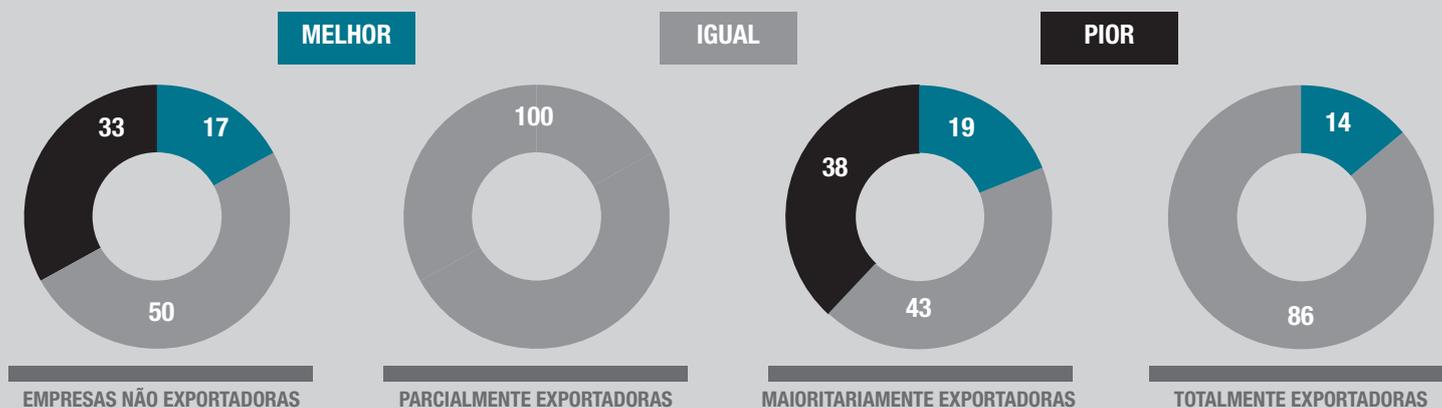
PERÍODO HOMÓLOGO



Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas

As empresas exclusivamente orientadas para o mercado nacional constituem uma exceção na apreciação do estado atual dos negócios, sendo o único grupo em que as que entendem que é mau superam as que pensam que

é bom. Não se deteta, neste trimestre, nenhuma relação evidente entre dimensão da empresa ou peso da coleção própria nas vendas e opinião sobre a conjuntura.



Limitações à produção

As principais limitações enfrentadas pela indústria de calçado no primeiro trimestre de 2013 centraram-se na debilidade dos mercados, por um lado, e em problemas no abastecimento de matérias-primas, por outro.

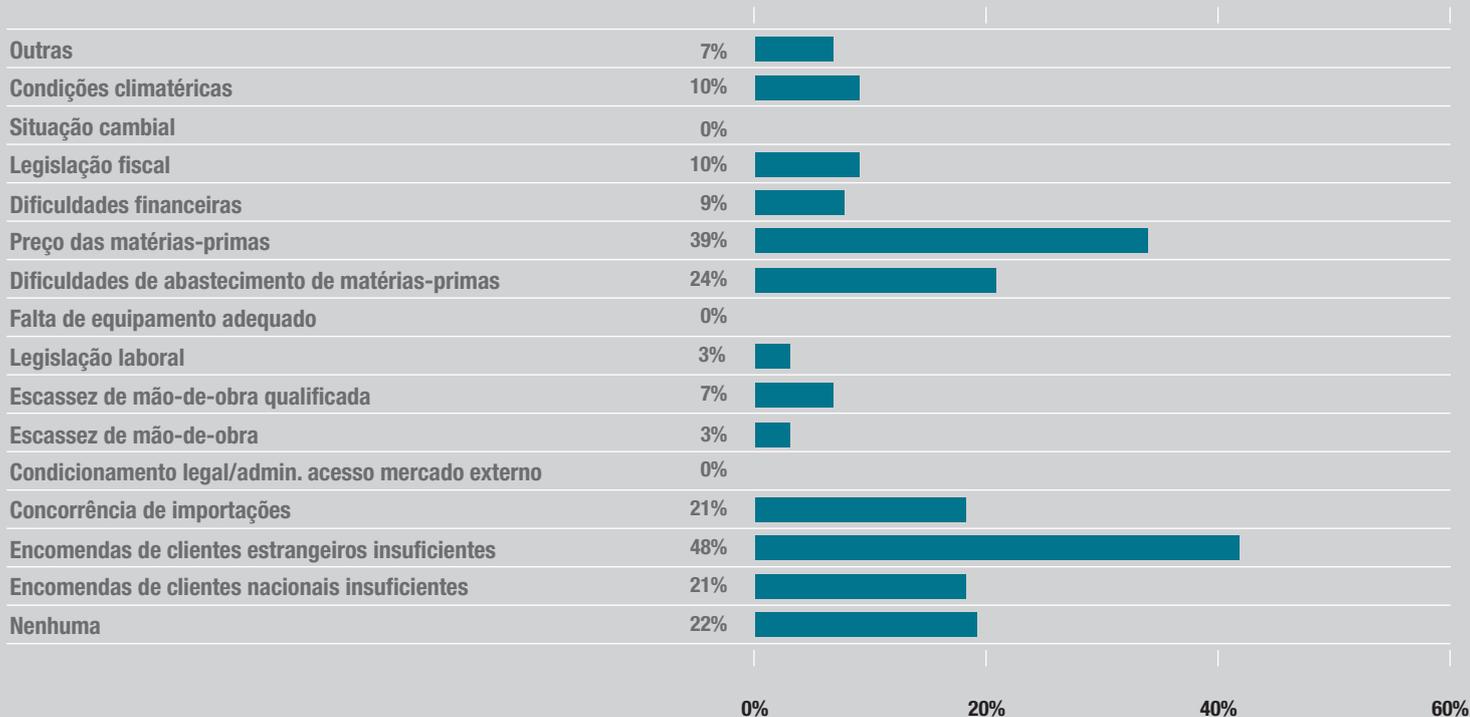
A limitação mais referida é, como habitual, a insuficiência das encomendas de clientes estrangeiros, mencionada por 48% dos inquiridos. Registou-se, nesta questão, uma significativa melhoria face ao trimestre anterior, em que esta percentagem atingiu os 58%. Esta melhoria foi extensiva a outros tipos de dificuldades de mercado, tendo as referências à insuficiência de encomendas de clientes nacionais e à concorrência das importações caído, ambas, para 21%.

Já quanto às matérias-primas se verificaram evoluções contraditórias. A percentagem de empresas que se queixam de dificuldades de abastecimento caiu significativamente, de 34% para 24%. Em contrapartida, as referências ao preço das matérias-primas aumentaram de

30% para 39%, ascendendo à segunda posição entre as preocupações do setor. As menções a outros fatores de produção são escassas. Apenas 7% das empresas dizem ter dificuldades relacionadas com a insuficiência de mão-de-obra qualificada e só 3% se referem à mão-de-obra não qualificada. Nenhuma menciona ter falta de equipamento adequado.

Só dois outros tipos de limitações atingem o limiar dos 10% de referências: a legislação fiscal e as condições climáticas que têm vindo a ser mencionadas com frequência crescente.

As dificuldades financeiras, que no trimestre anterior tinham sido mencionadas por 15% das empresas, são-no agora por apenas 9%, dando um sinal adicional de melhoria na conjuntura. No mesmo sentido, a percentagem de empresas que dizem não enfrentar nenhuma limitação, que no trimestre passado tinha registado uma brusca queda, recuperou para 22%, valor em linha com o histórico recente da indústria.



Tendências da produção

As empresas mostram-se bastante otimistas quanto ao segundo trimestre de 2013: embora a maioria (55%) preveja a manutenção do seu nível de **produção**, as que antevêm o seu aumento superam em 21 p.p. as que receiam a sua diminuição, um dos s.r.e. mais elevados já

atingidos por esta variável. Este otimismo é relativamente generalizado, independentemente da dimensão, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas das empresas.

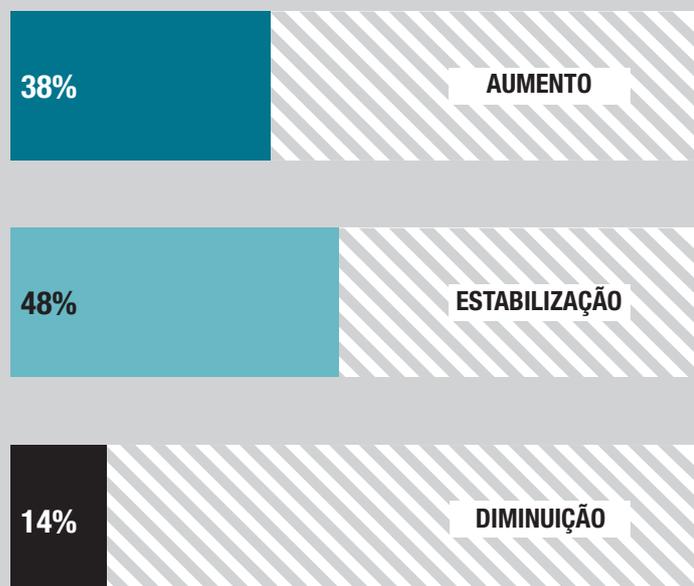


Perspetivas de encomendas

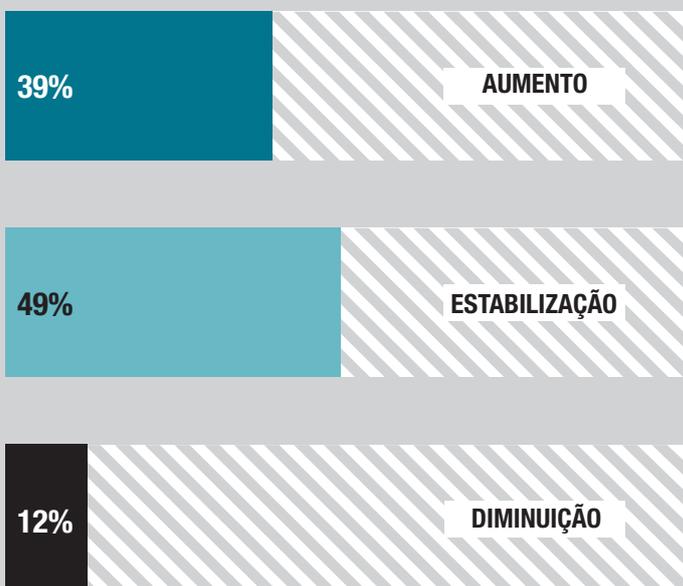
As perspetivas para a evolução da **carteira global de encomendas** são semelhantes e até um pouco mais favoráveis: o saldo de respostas extremas atinge os 24 p.p., diminuindo a percentagem de inquiridos que espera a sua estabilidade para 48%. Trata-se da segunda previsão mais favorável alguma vez feita para a carteira de encomendas, estando as empresas de pequena dimensão particularmente otimistas..

Quanto à **carteira de encomendas do estrangeiro**, o saldo de respostas extremas é ainda mais elevado, atingindo os 26 p.p., com os únicos casos de saldo negativo a ocorrerem entre as microempresas e entre as menos orientadas para os mercados externos.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

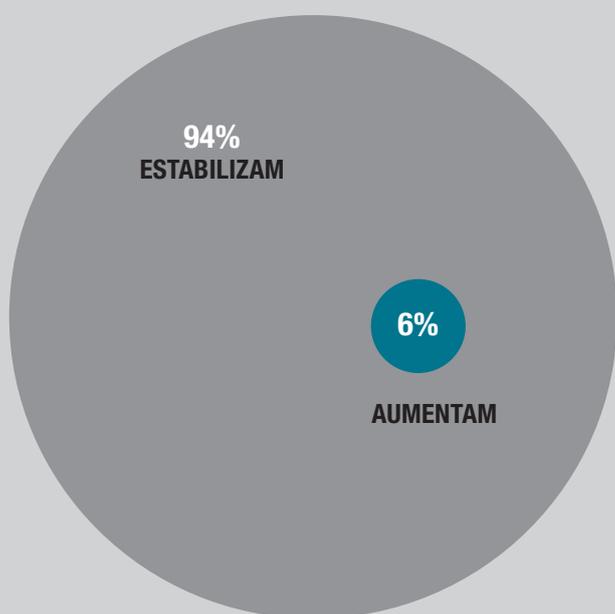


Perspetivas de preços de venda

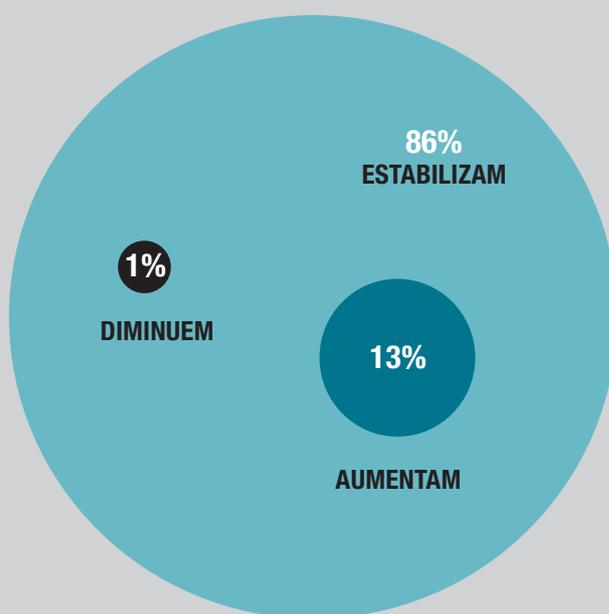
A quase totalidade dos inquiridos, 94%, prevê que, no próximo trimestre, os **preços em Portugal** permaneçam inalterados. No entanto, todos os restantes 6% apontam para o seu aumento, não havendo nenhuma empresa que espere o contrário, o que sugere uma tendência de alguma subida dos preços.

O mesmo acontece quanto aos **preços no estrangeiro**, caso em que o saldo de respostas extremas é mais acentuadamente positivo, atingindo os 11%. A larga maioria dos inquiridos, 86%, espera, no entanto, a sua estabilidade.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

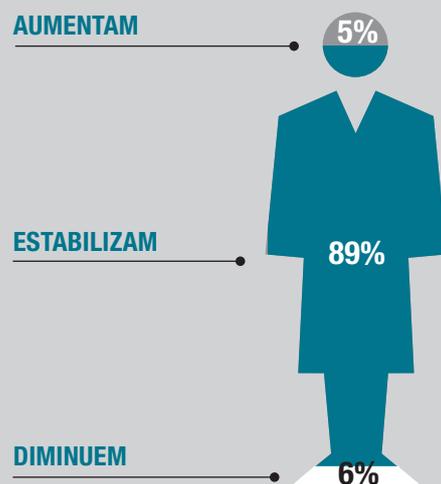


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

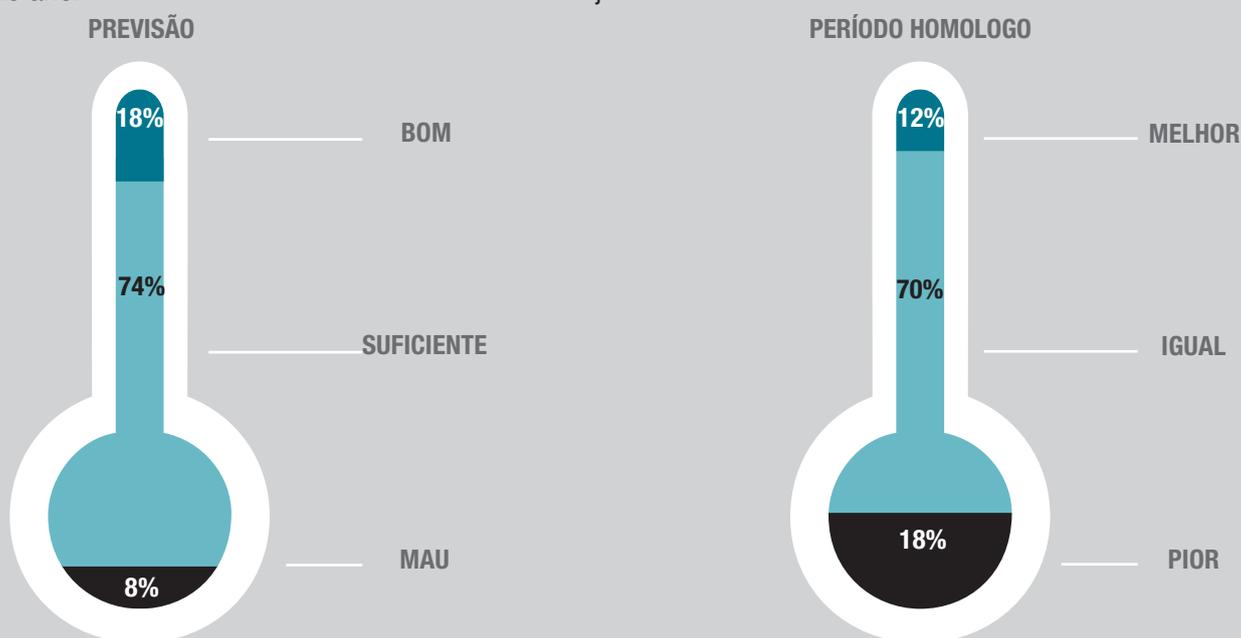
O **número de pessoas ao serviço** da indústria deverá permanecer inalterado: 89% das empresas apontam nesse sentido e, entre as restantes, as que esperam o seu aumento são em número praticamente igual ao das que preveem a sua diminuição (s.r.e. -1 p.p.). É entre as empresas não exportadoras que as previsões são mais desfavoráveis.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

As previsões para o **estado dos negócios** no segundo trimestre de 2013 refletem o otimismo que marcou as respostas às questões anteriores: 74% dos inquiridos dizem esperar que o estado dos negócios seja suficiente e, entre os restantes, os que esperam que seja bom superam os que receiam o inverso em 11 p.p., o s.r.e. mais elevado do último ano.

Contudo, as empresas não esperam atingir ainda uma situação tão favorável como a que conseguiram em períodos relativamente recentes: embora 70% esperem que o estado dos negócios no próximo trimestre seja idêntico ao verificado um ano atrás, as que acreditam que será pior superam em 6 p.p. as que preveem que seja melhor.



Apuramento dos resultados

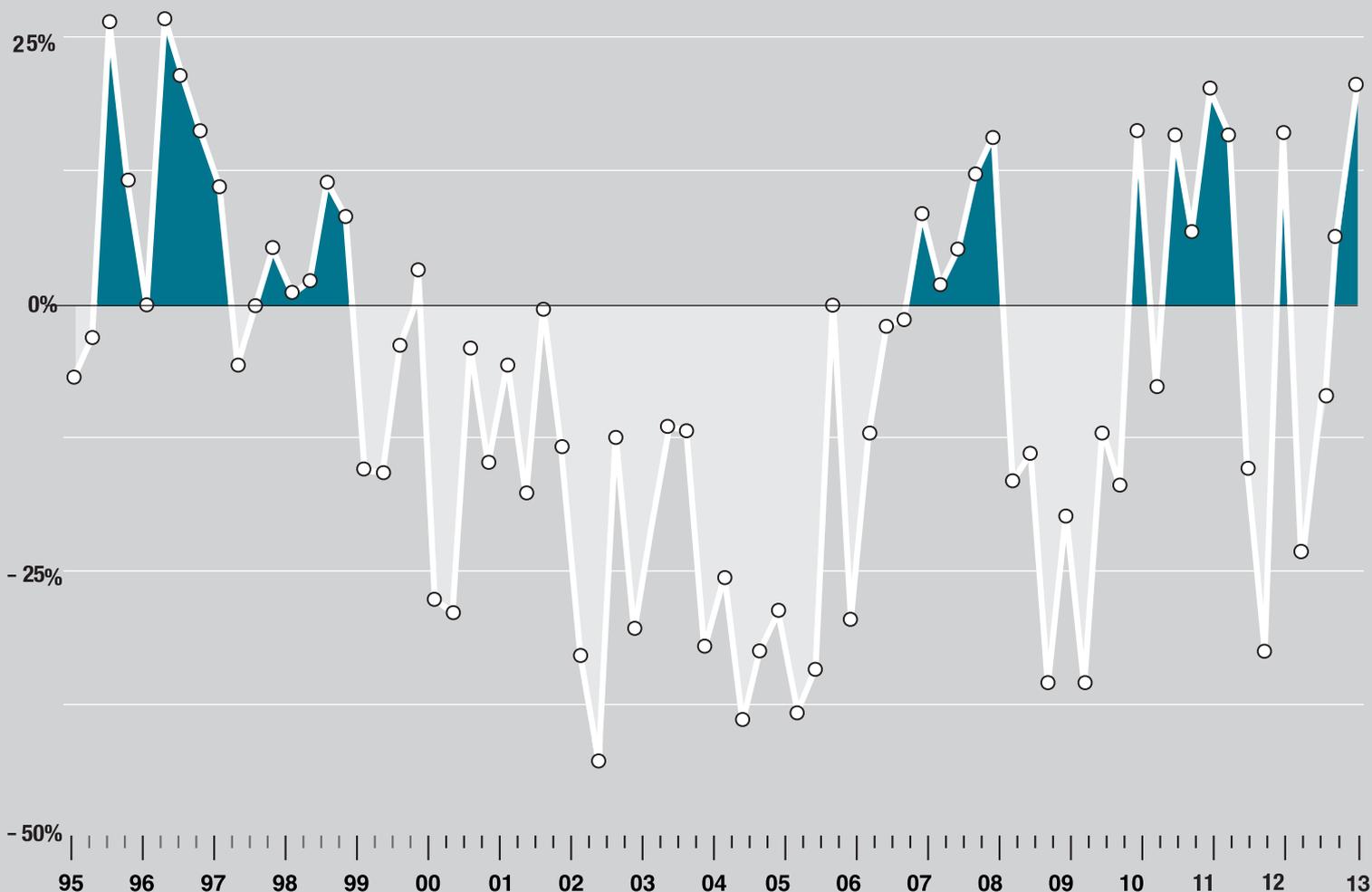
As empresas orientadas exclusivamente para o mercado nacional são uma exceção ao otimismo que marca as previsões relativas ao estado dos negócios, apresentando um saldo de respostas extremas negativo em 8 p.p. Em termos de dimensão, é entre as pequenas empresas que as expectativas são mais favoráveis.



Indicador Síntese

Expectativas Empresariais

O sentido predominantemente positivo das previsões empresariais para o próximo trimestre traduz-se numa melhoria significativa do indicador síntese de expectativas empresariais que sobe de +4 para +16 p.p., valor próximo dos seus máximos históricos.



Para o segundo trimestre de 2013, as empresas inquiridas preveem que se continuem a agravar as dificuldades relacionadas com o mercado de matérias-primas: 32% esperam enfrentar dificuldades no abastecimento (24% no primeiro trimestre) e 45% estão preocupadas com o seu preço (39% no primeiro trimestre). Entre as restantes limitações sobre que são inquiridas, apenas as dificuldades financeiras mostram um ligeiro aumento, de 9 para

10%. Em contrapartida, há ligeiros recuos na escassez de mão-de-obra qualificada (de 8 para 6%), na legislação fiscal (de 10 para 8%) e nas condições climatéricas (de 10 para 9%). Para os restantes fatores, prevê-se a manutenção ao nível registado no primeiro trimestre.

Notas de Conjuntura

O governo português divulgou, no final de Abril, o Documento de Estratégia Orçamental 2013-2017 em que apresenta as suas mais recentes previsões para a evolução da economia nacional. De acordo com este documento, no corrente ano, o PIB deverá cair 2,3%, para registar depois um ligeiro crescimento de 0,6%, em 2014. O consumo privado, variável especialmente relevante para uma indústria de bens de consumo, como o calçado, deverá evoluir negativamente, influenciado pela quebra do rendimento disponível, pelo aumento do desemprego, que deverá atingir níveis recorde, superiores a 18%, e pela degradação das expectativas: as previsões são de uma quebra de 3,2%, este ano, seguida de um crescimento meramente residual de 0,1%, no seguinte. Já quanto às exportações, depois da evolução extremamente favorável dos últimos anos, o governo prevê um crescimento muito modesto este ano (+0,8%) e uma retoma vigorosa em 2014 (+4,5%).

As expectativas do governo não diferem significativamente das de outras instituições, como o Banco de Portugal e a Comissão Europeia, que também apresentaram recentemente previsões para a economia portuguesa, apontando unanimemente para uma significativa recessão em 2013 seguida de um crescimento aproximadamente nulo no próximo ano. É, portanto, previsível que, no futuro próximo, o mercado interno se mantenha muito pouco dinâmico, representando um desafio para a indústria de calçado.

O mesmo deverá acontecer nos mercados internacionais. Embora a economia mundial esteja a progredir a bom ritmo, as previsões para os principais mercados de exportação do calçado português são pouco auspiciosas. De acordo com o Fundo Monetário Internacional, que publicou recentemente as suas perspetivas económicas globais:

“Prevê-se que o crescimento do produto mundial atinja 3¼ por cento em 2013 e 4 por cento em 2014. Nas economias avançadas, espera-se que a atividade acelere gradualmente, a partir da segunda metade de 2013. A procura privada parece crescentemente robusta nos Estados Unidos mas ainda lenta na área euro. Nas economias de mercados emergentes e em desenvolvimento, a atividade já ganhou velocidade.

(...)

O que era, até agora, uma recuperação a duas velocidades, forte nas economias de mercados emergentes e em desenvolvimento mas mais fraca nas economias avançadas, está-se a transformar numa recuperação a três velocidades. As economias de mercados emergentes e em desenvolvimento continuam a progredir fortemente mas, nas economias avançadas, parece estar a desenvolver-se uma bifurcação entre os Estados Unidos, por um lado, e a área euro, pelo outro.

Isto está refletido nas nossas previsões. Prevê-se que o crescimento nas economias de mercados emergentes e em desenvolvimento atinja os 5,3 por cento em 2013 e os 5,7 em 2014. Prevê-se que o crescimento nos Estados Unidos seja de 1,9 por cento em 2013 e 3,0 por cento em 2014. Por comparação, prevê-se que o crescimento na área euro seja de -0,3 por cento em 2013 e 1,1 por cento em 2014. (...)

O crescimento negativo previsto na área euro reflete não só a debilidade da periferia mas também alguma debilidade no núcleo. O crescimento da Alemanha está a fortalecer-se mas ainda se prevê que seja inferior a 1% em 2013. Prevê-se que o crescimento da França em 2013 seja negativo, refletindo uma combinação de consolidação fiscal, performance exportadora fraca e baixa confiança. Isto pode pôr em questão a capacidade do núcleo para ajudar a periferia, se e quando necessário. Prevê-se que maioria dos países da periferia, nomeadamente a Itália e a Espanha, registem contrações substanciais em 2013. O processo de desvalorização interna está a acontecer lentamente e a maioria destes países estão lentamente a tornar-se mais competitivos. A procura externa, no entanto, simplesmente não é suficientemente forte para compensar a fraca procura interna. Os ciclos de feedback negativo entre bancos fracos, soberanos fracos e baixa atividade ainda estão reforçar-se mutuamente.

(...)

Nas economias avançadas, a política deve usar todas medidas prudentes para apoiar a débil procura. Contudo, os riscos relacionados com a elevada dívida soberana limitam o espaço de manobra da política fiscal. Não há soluções mágicas para lidar com todos os problemas da procura e da dívida. Em vez disso, o ajustamento fiscal tem que progredir gradualmente, baseado em medidas que limitem os danos de curto prazo na procura; a política monetária tem que continuar a suportar a atividade; as políticas financeiras devem ajudar a melhorar a transmissão da política monetária; e as políticas estruturais e outras políticas têm que estimular o produto potencial e o rebalanceamento da procura global.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook update, janeiro 2013¹

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE

